

GUERREIRO RAMOS, ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Wilson Pizza Junior*

Resumo

O que teria levado o consagrado sociólogo Alberto Guerreiro Ramos à Administração, ou dizendo melhor, de que forma teria ele concluído que ambas fazem parte de um mesmo processo, em uma escolha tão original como única? Esse é o objetivo deste artigo, no qual se destaca que a ligação de Guerreiro Ramos com a Administração foi uma constante em sua vida profissional e acadêmica: administrador (na época com a designação de "Técnico de Administração") do DASP, professor de Sociologia do curso de Administração da EBAP, professor do curso de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia, é dele a proposta de reconhecimento da profissão de Técnico de Administração. Sua atuação profissional e acadêmica trouxe consistência a quem perseguia um tipo de ciência social desvinculada de modismos e estrangeirismos, fora de gabinetes e academicismos, ou, para repetir uma expressão usada por Tobias Barreto, "em mangas de camisa".

Palavras-chave: Cientista social. Administração. Fundação Getúlio Vargas.

Guerreiro Ramos, Administration and Social Science

Abstract

What brought the esteemed sociologist Alberto Guerreiro Ramos to the area of business administration, or rather, how would he have concluded that both are part of the same process? The objective of this article is to address this. We highlight the connection between Guerreiro Ramos and Administration as longstanding in his professional and academic life: Administrator (in this period was nominated as "Administration Technician") for the Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), professor of Sociology for the Administration course at Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), professor of the Public Administration at the South California University and the proposal of the recognition of the profession of Technical Administration. His professional and academic role brought consistency to whoever sought a type of social science or one which neglected the use of fads and foreign language expressions, or to repeat an expression used by Tobias Barreto, "roll your sleeves up".

Keywords: Social scientist. Administration,. Fundação Getúlio Vargas.

**Graduado em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresa da Fundação Getúlio Vargas - EBAPE/FGV. Ex-Assistente de Guerreiro Ramos na Escola Brasileira de Administração Pública - EBAP/FGV. Ex-professor da Faculdade de Administração do Instituto Metodista Benett. Endereço: Rua Almirante Lanego, 747/802. Florianópolis/SC. CEP: 88015-600.*

A organização é o segredo da servidão humana

Culpar as organizações de natureza econômica por serem incapazes de atender às necessidades do indivíduo como um ser singular é tão fútil quanto culpar o leão por ser carnívoro

Toda socialização é alienação

Guerreiro Ramos

A Trajetória de Guerreiro

Toda a trajetória de vida do cientista social Alberto Guerreiro Ramos foi sublinhada pela presença da Administração.

Guerreiro fez parte da primeira turma de Ciências Sociais da Universidade do Brasil, cujos integrantes automaticamente foram reconhecidos como professores, o que lhe daria oportunidade de iniciar-se no magistério. Ao invés, submeteu-se a concurso público de ingresso no DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público, criado em 1938 – como Técnico de Administração (designação inicial dos atuais Administradores). Órgão de assessoramento da Presidência da República, constituiu o DASP a primeira iniciativa de dotar o serviço público federal de um grupo de profissionais de alta qualificação. A tese apresentada por Guerreiro Ramos no concurso de 1949 – *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho (Ensaio de Sociologia do Conhecimento)* (RAMOS, 1950) – primeiro (e possivelmente único) estudo sobre o tema, já indica a sua associação entre Administração e as Ciências Sociais.

Não será exemplo isolado. No livro *Administração e estratégia do desenvolvimento*, editado pela Fundação Getúlio Vargas em 1966 e reeditado em 1983 com outro título, *Administração e contexto brasileiro*, já no primeiro capítulo, “Nota introdutória a uma sociologia especial da administração”, evidencia-se o destaque conferido à Administração. A propósito, registre-se que, na primeira edição de 1966, o subtítulo do livro é *Elementos de uma sociologia especial da administração*, alterado na segunda edição para *Esboço de uma teoria geral da administração*. No último livro escrito por Guerreiro, *A nova ciência das organizações* - primeira edição em português em 1981 e segunda em 1989, ambas pela editora da Fundação Getúlio Vargas, e edição original, em inglês, em 1981 pela Editora da Universidade de Toronto -, a ligação Administração-Ciências Sociais continua a fazer parte do título.

O que teria levado o consagrado sociólogo à Administração, ou dizendo melhor, de que forma teria ele concluído que ambas fazem parte de um mesmo processo, em uma escolha tão original como única? Não por acaso já no primeiro capítulo de *Administração e contexto brasileiro*, Guerreiro identifica o “fato administrativo” como “fato social” (1.6: “O fato administrativo é um fato social”). O convívio com a administração pública no DASP e os trabalhos junto à Presidência da República certamente contribuíram, mas igualmente trouxeram consistência a quem perseguia um tipo de ciência social desvinculada de modismos e estrangeirismos, fora de gabinetes e academicismos, ou, para repetir uma expressão usada por Tobias Barreto, “em mangas de camisa”.

A criação do primeiro curso de Administração no Brasil foi um dos resultados do surgimento do DASP, e nele estão envolvidos Luiz Simões Lopes e outros profissionais, já na Fundação Getúlio Vargas, com a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP). Guerreiro ministrará a primeira aula da EBAP, em 1952, e será ele, também, o Paraninfo da primeira turma de graduandos, em 1955. No discurso de saudação aos formandos, exercita todo o seu talento crítico ao destoar das entusiasmadas manifestações em torno de um saber que, finalmente, consertaria tudo o que de errado ocorria na administração pública, graças ao surgimento de instrumental técnico de intervenção. Contrariamente ao consenso – o que aconteceria reiteradamente ao longo de toda a sua vida acadêmica e profissional – dizia ele que ciência nenhuma, técnica nenhuma, instrumento nenhum, poderia definir uma realidade como “errada” sem compreendê-la, e a Administração e seus recursos de intervenção não poderiam ser tomados como exceção.

E que tipo de conhecimento é esse, designado genericamente como “Administração”? Em que consiste? Conjunto de técnicas? Coletânea de regras práticas? Trata-se de uma ciência (e de que tipo?), ou ainda acervo de experiências mais ou menos consagradas? Possui ou não um universo conceitual próprio, peculiar, que o torna distinto de outras disciplinas?

Se há quem afirme que a chamada “ciência da Administração” não existe, é possível mostrar o contrário, muito embora o efeito prático de qualquer das conclusões seja despidendo. Para que uma disciplina seja considerada “ciência”, é necessário que possua um objeto formal e material, não disputados ou compartilhados por outra ciência, deixando-se de lado naturalmente as áreas comuns ou fronteiriças. Deverá possuir um acervo conceitual próprio como proposta teórica de conhecimento e atuação; um campo empírico cujas formulações teóricas sejam confirmadas, negadas, alteradas ou criadas; um conjunto de métodos definido como alternativas de ação; e de técnicas específicas, quais sejam, regras operacionais para “fazer coisas”, uma vez identificada a(s) teoria(s), constatada a sua viabilidade, escolhido o método, selecionado(s) o(s) instrumento(s). A Administração satisfaz esses requisitos, apresentando um campo de ação próprio e que não é foco de atenção permanente de qualquer outra disciplina, cumprindo, assim, com as formalidades epistemológicas de reconhecimento como ciência.

Mas ao que consta, as coisas não parecem assim tão simples. Destarte, enquanto alguns sustentam que não existe Ciência da Administração, os administradores profissionais quando resolvem imortalizar-se, aumentam a confusão ao invés de esclarecer. É o que ocorre com a criação da Academia Brasileira de Ciências (sic) da Administração. Indiferentes a querelas e minudências, a Administração está aí, ciência ou coleção de práticas, ao que parece, para ficar.

Guerreiro via na Administração uma ciência de integração, proposta que se torna clara com o simples exame do currículo do curso de Administração Pública da EBAP. A quantidade de matérias representativas de diversas ciências sociais¹ chama a atenção se comparadas com matérias específicas de Administração, indicando que a grade curricular entende que tão importante quanto a aprendizagem de conteúdos peculiares à Administração é a compreensão de que a visão social, do geral para o particular, deve fundamentar a atuação do profissional de Administração. Vejamos de que maneira tal afirmação pode ser ilustrada, partindo do campo de ação de ciências sociais que interagem ou estão presentes com a Administração onde ela se manifesta. O quadro abaixo é ilustrativo e serve apenas como recurso didático, valendo dizer que não pretende discutir, propor ou questionar campos de ação de outras ciências sociais: possui valor apenas normativo para os fins que pretende.

Ciências Sociais	Campo de Ação
Administração	Organizações
Antropologia	Costumes
Ciência Política	Poder ²
Direito	Relação entre Pessoas
Economia	Produção e Consumo
Geografia	Espaço
História	Fatos Passados
Psicologia	Pequenos Grupos ³
Sociologia	Grandes Grupos

¹ Das 48 disciplinas constantes no curso da EBAP, período 1964 - 1967, 19 (39,58% do total) são voltadas para as ciências sociais: Geografia Econômica, Fundamentos de Psicologia, História Contemporânea, Psicologia Social, Noções Fundamentais de Direito - Sociologia I (Geral), Economia I, Ciência Política I, História Social e Política do Brasil, Economia II, Ciência Política II, Sociologia II (Aplicada à Administração), Direito Constitucional, Antropologia Cultural - Economia III, Direito Administrativo, Filosofia Política - Planejamento Econômico, Direito do Trabalho.

² Entendido como capacidade de exercer influência.

³ O campo de ação da Psicologia é a alma humana, e o que a torna peculiar em relação a outras ciências é que o sujeito e o objeto são o mesmo. No caso específico de ligação entre a Psicologia e a Administração, considera-se primeiramente o campo social, uma vez que, como se sabe, ações individuais, de grupos funcionais e de massa obedecem a critérios distintos, bem como a interação interpessoal em entidades criadas para a consecução de objetivos, como são as organizações formais.

Imaginemos um acontecimento comum em uma organização qualquer, pública ou privada, que requeira a intervenção da Administração, por exemplo, um plano de cargos e salários ou de carreiras, uma reforma administrativa, um trabalho de rotinas e procedimentos, ou algum outro. O Administrador domina instrumentos próprios do seu universo profissional para realizar com sucesso as alterações necessárias, mas se não leva em conta que um mesmo evento será visto de forma diferente de acordo com outras áreas de conhecimento, corre o risco de insucesso. Dizendo de outra forma: para o antropólogo, cientista político, advogado, economista, geógrafo, historiador, psicólogo, sociólogo, as mesmas tarefas serão percebidas de forma diferente, de pontos de vista diferentes, e apresentarão resultados diferentes. Um trabalho, muitas vezes tecnicamente simples, pode alterar substancialmente práticas correntes, influências pessoais e de grupos, ganhos (ou perdas) financeiros, mexer com acontecimentos pretéritos, local de trabalho, relacionamentos pessoais e profissionais, ações e atitudes individuais e grupais, alterar ou questionar direitos, e certamente isto tudo ocorrerá, ainda que em pequena escala, ou de forma não manifesta. Profissional de outra formação, participante ou observador, terá outro tipo de entendimento e análise. E no centro do processo, o Administrador não pode ignorar que o resultado do seu trabalho está muito além do mero domínio de técnicas e regras consagradas, caso contrário terá que conviver com a frustração de constatar que o Manual resolve apenas – e nem sempre – questões operacionais. Não será exagero afirmar que muitos projetos de reforma administrativa malogram por conta da falta de integração com áreas de abrangência de outras disciplinas. Parece claro que não se pode exigir do profissional de Administração igual conhecimento de outras ciências sociais, mas uma formação que privilegie o estudo de conceitos fundamentais das que mais de perto se avizinham da Administração, certamente, permitirá diminuir os erros. O fato administrativo é um fato social.

No prefácio da edição brasileira de *A Nova Ciência das Organizações*, Guerreiro Ramos escreve:

[...] Particularmente significativa na minha trajetória intelectual é a Redução Sociológica, cuja primeira edição é datada de 1958. No prefácio da segunda edição deste livro (1965) sublinhei o tríplice sentido da redução sociológica, a saber: a) atitude imprescindível à assimilação de crítica da ciência e da cultura importadas; b) adestramento cultural sistemático necessário para habilitar o indivíduo a resistir à massificação de sua conduta e às pressões sociais organizadas; c) superação da ciência social nos moldes institucionais e universitários em que se encontra. [...] Este livro é resultado de minhas pesquisas sobre a redução sociológica no terceiro sentido [...] (RAMOS, 1981, p. XVI-XVII).

Toda a obra de Guerreiro Ramos anterior à *Redução* já demonstrava a articulação de um pensamento que será ordenado naquele livro e servirá de fundamento para a produção posterior. Cabe aqui um parêntese.

O drama de ser dois, poesia, foi o primeiro livro publicado por Guerreiro Ramos, em 1937. Aos 22 anos, buscava ele o caminho na literatura, substituída posteriormente pelas ciências sociais. A poesia foi abandonada, mas o comentário feito num artigo publicado, em 1941, na *Revista do DIP* (Departamento de Imprensa), sobre literatura, já revelava uma atitude crítica, melhor, crítico-assimilativa, que será amadurecida e tomará forma na *Redução sociológica*. Se é possível lamentar a perda de um crítico literário singular, além dos limites formais da produção literária, a vocação da crítica e de um pensamento original permitiu o entendimento da literatura ligado a todo um processo social. A esse propósito, vale relatar fato representativo.

Em setembro de 1980, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, organizou uma série de sete seminários comemorativos dos 50 anos da Revolução de 30⁴. Guerreiro participou do quinto encontro (*Intelectual e Ideologia*), com o trabalho "A inte-

⁴ Publicados em *A Revolução de 30 – Seminário Internacional*, Editora Universidade de Brasília, 1983, v. 2, 1. ed.

ligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980". Após a exposição da professora Lúcia Lippi ("As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o estado"), o Presidente da mesa interveio, a propósito de referência feita ao Movimento Modernista de 1922, para fazer a apologia da obra de Mário de Andrade, com destaque para *Macunaíma*, passando a palavra a Guerreiro, que, antes de iniciar a apresentação do seu tema, resolveu acrescentar algumas considerações sobre ambos, Mário de Andrade e Macunaíma. Disse, em síntese, que o romance *Macunaíma*, escrito por letrado citado, bem nascido, bem educado, saudoso dos salões europeus, é um exemplo típico de complexo de inferioridade, e deveria ser lido à luz da psicanálise. E finalizou: compare-se o tipo de brasileiro retratado por Mário de Andrade, fornicador, indolente, "sem nenhum caráter", com o brasileiro descrito por Euclides da Cunha em *Os sertões* ("antes de tudo, um forte"), representante do país real de então, rude, agreste, predominantemente rural, em luta constante com um meio hostil e sem apoio ou ajuda a não ser de iguais (RAMOS, 1982). A criação literária foi abandonada, mas não a visão crítica, a noção de que a obra literária não pode deixar de refletir condições sociais, muitas vezes além das intenções temáticas de quem a produz. Fechemos o parêntese.

Em *A nova ciência*, as organizações, presentes no título do livro, merecem amplo reexame conceitual. Constantes na vida profissional e na obra de Guerreiro Ramos, essas entidades sociais artificialmente criadas para a consecução de finalidades merecem atenção especial e são representativas no que se refere à ampliação de enfoque. O verbo *organizar*, derivado do latim *organum*, este por sua vez do grego *órganon*, significa "dar (às partes dum todo) forma regular e adaptada ao fim que se tem em vista" (FONTINHA, s.d.), sentido genérico que pode aplicar-se às organizações formais, ou produtivas, ou econômicas, ou complexas, públicas ou privadas. Na primeira (e única) edição de *Mito e verdade da revolução brasileira*, Capítulo VI, "Homem-organização e homem-parentético" (tema que retomará em *A nova ciência*), Guerreiro dirá:

Organização é aspecto da vida social e individual cuja relevância só recentemente vem sendo assinalada. No entanto, dificilmente se compreende o essencial da vida coletiva, caso se descure do seu aspecto organizacional. A organização é o segredo da servidão humana. É para os seres humanos o que a espécie é para os animais inferiores. Uniformiza as condutas, subordinando-as mecânica e dogmaticamente, reduz e até anula a liberdade [...] (RAMOS, 1963 p. 147).

Tratava-se, então, de uma crítica à voga das relações humanas no trabalho, conduzidas por "humanistas" e marcada pela presença de técnicas behavioristas de adestramento funcional destinadas a fazer do homem-que-trabalha item de contabilidade de custos, integrado aos fatores de produção e praticante induzido do *ethos* organizacional. Contudo, em *A nova ciência das organizações*, afirma:

[...] Culpar as organizações de natureza econômica por serem incapazes de atender às necessidades do indivíduo como ser singular é tão fútil quanto culpar o leão por ser carnívoro. Elas não podem agir de outra maneira e, já que sem as organizações econômicas a sociedade na poderia funcionar adequadamente, é preciso que as mesmas sejam realisticamente compreendidas conforme são (RAMOS, 1981 p. 108).

O que mudou?

Em *A nova ciência*, Guerreiro Ramos amplia o conceito de organização para além dos limites do processo produtivo formal. A sociedade centrada no mercado, subordinada a regras econométricas, só pode reconhecer como representativas as organizações econômicas, e não reconhecer, ou classificar como defectivas, quaisquer outras formas de produção como, por exemplo, a chamada (erradamente, por sinal), "economia informal". Às formas produtivas tradicionais, Guerreiro acrescenta o que chama de Isonomias e Fenomias (Capítulo 7. "Teoria da delimitação dos sistemas sociais: apresentação de um paradigma"), assim definidas: "de modo geral, isonomia pode ser definida como um contexto em que todos os membros são iguais. A *polis*, tal como concebeu Aristóteles, era uma isonomia – uma associação de iguais, constituída 'por amor a uma boa vida'" (RAMOS, 1981,

p. 150, grifo no original). A fenomia é caracterizada como "um sistema social, de caráter esporádico ou mais ou menos estável, iniciado e dirigido por um indivíduo, ou por um pequeno grupo, e que permita a seus membros o máximo de opção pessoal e o mínimo de subordinação a prescrições operacionais formais" (RAMOS, 1981, p. 152). Neste sentido, "organização" deixaria de ser sinônimo de burocracias, ou seja, de unidades produtivas e/ou de serviços, para abranger todo tipo de ordenamento individual ou grupal destinado a atividades autograticantes ou de caráter beneficente, não necessariamente estruturadas de acordo com regras formais. Textualmente, Guerreiro diz:

[...] os homens produzem a si mesmos, enquanto produzem coisas. Em outras palavras, a produção deveria ser empreendida não só para proporcionar a quantidade dos bens de que o homem necessita para viver uma vida sadia, mas também para provê-lo das condições que lhe permitam atualizar sua natureza e apreciar o que faz para isso. Desse modo, a produção das mercadorias deve ser gerida eticamente, porque, como consumidor ilimitado, o homem não torna resistente, mas exaure seu próprio ser. Mais ainda, a produção é igualmente uma questão moral, em razão de seu impacto sobre a natureza como um todo (RAMOS, 1981, p.199).

Bacharel em direito, Administrador, Sociólogo, Guerreiro Ramos fazia clara distinção entre o ato e o hábito⁵. Se examinarmos todos os seus trabalhos, livros, artigos, colaboração em jornais, desde *O drama de ser dois* até *A nova ciência*, chegamos a uma constatação desconcertante, mas precisa, mesmo para o leitor menos atento. A ênfase de toda a sua obra está na preocupação com o ser humano, a posição existencial do homem em um mundo centrado na acumulação indiscriminada de bens, onde a prevalência econométrica transforma em mercado todas as instituições e em mercadoria as pessoas, reduzindo a vida humana, individual e associada, à "lei" da oferta e da procura. O professor Ariston Azevedo classifica de pós-fenomenológica a proposta contida em *A nova ciência*, em sua tese de doutorado, e, no capítulo "A pessoa humana e a restauração do social em Guerreiro Ramos", comenta:

[...] Guerreiro percebia nessa desmedida ampliação [da sociedade centrada no mercado] a tendência à unidimensionalização que o mercado tentava imprimir aos macros e micros sistemas sociais e, por consequência, a homens e mulheres. Isso significa dizer que a unidimensionalização dos padrões de vida das sociedades industriais avançadas impetrada pelo mercado e sua operacionalidade padronizada embrenha-se, ou se faz presente, em praticamente todos os espaços existenciais da vida humana individual e associada e, imperceptivelmente, acaba por invadir o espaço psicológico interior do indivíduo, criando nele uma constante sensação de privação relativa, induzindo-o a centrar sua vida em torno de hábitos de consumo em constante mutação (AZEVEDO, 2006).

E de que maneira o homem moderno, integrante da sociedade centrada no mercado, detentor de emprego, massacrado por propostas permanentes de consumo conspícuo, pode defender-se de tantas agressões? Guerreiro escreve: "[...] apenas o ser humano, eventualmente, merece ser caracterizado como bom. O bom homem, por sua vez, nunca é um ser inteiramente socializado; é, antes, um ator sob tensão, cedendo ou resistindo aos estímulos sociais, com base em seu senso

⁵ Os conceitos "sociologia em ato", praticada por qualquer pessoa que tenha aptidão mesmo que não disponha de títulos oficiais, e "sociologia em hábito", restrita a um reconhecimento formal e acadêmico, são tomados de Aristóteles, conforme se lê em *A redução sociológica*: "O que Aristóteles chamava *hexis* e os escolásticos *habitus* é uma aptidão inata, ou adquirida pelo treinamento. A cada ciência corresponde um *habitus* específico. O físico é menos uma pessoa que tenha lido muitos livros de física do que alguém apto a reagir diante dos fatos, segundo determinadas regras e referências conceituais. Coisa semelhante se dirá de qualquer outro cientista. Dir-se-á também que o mero alfabetizado em sociologia, por mais exaustiva que seja a sua informação, não é sociólogo. Distinguindo a arte em hábito da arte em ato, imagina Jacques Maritain, em seu livro *Art et scolastique*, um enérgico aprendiz capaz de trabalhar quinze horas por dia na aquisição do conhecimento teórico e das regras de arte, mas no qual o *habitus* não germina. Este esforço jamais fará dele um artista e não o impedirá de permanecer mais infinitamente afastado da arte do que a criança ou o selvagem portador de um simples dom natural" (RAMOS, 1965, p.126).

ético" (RAMOS, 1981, p.52). A propósito, em palestra proferida em 1980 aos alunos da Escola Interamericana de Administração Pública (EIAP), da Fundação Getúlio Vargas, em resposta a indagação feita por um participante, Guerreiro dirá que "somente o ser humano é concreto. Sociedade, organizações, instituições, são artifícios, ficções, 'ectoplasma'. Só o homem tem existência real e consciência própria."

A proposta delimitativa apresentada em *A nova ciência*, muitas vezes, é confundida com uma tentativa idílica de retorno a condições sociais e de vida em que sentimentos como solidariedade e compaixão eram, ou seriam, prevaletes. Em palestras e conferências, Guerreiro deixava claro que isso não só não era possível ("não há retorno") como classificava de "privilegio" viver em um tempo cujos antigos sonhos humanos podem tornar-se realidade. Assim, as condições materiais vigentes permitem, hoje, eliminar a fome e a miséria, prolongar a vida, combater com sucesso males e doenças milenares, diminuir a penúria do trabalho pesado e o estigma da escravidão, qualificar a vida associada e a própria fruição da vida, desfrutar de confortos e amenidades impensáveis em tempos antigos e não tão remotos. Contudo, inflação é sempre perda, e quando um sistema social é privilegiado outros são negligenciados, e uma vez que o mercado auto-regulado passa a subordinar todos os outros sistemas sociais (inclusive o político), os demais se apequenam, e a maior vítima é aquela que aparentemente desfruta dos maiores benefícios, o ser humano: "[...] o indivíduo ilusoriamente ganhou melhora material em sua vida e pagou por ela com a perda do senso pessoal de auto-orientação" (RAMOS, 1981, p.52).

A ligação de Guerreiro Ramos com a Administração foi uma constante em sua vida profissional e acadêmica. Administrador (na época com a designação de "Técnico de Administração") do DASP, professor de Sociologia do curso de Administração da EBAP, professor do curso de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia, é dele a proposta de reconhecimento da profissão de Técnico de Administração⁶, quando do exercício de mandato de Deputado Federal. Cassado pelo regime militar em 13 de abril de 1964, o texto seguiu os trâmites parlamentares e transformou-se em lei, em 1965. Eleito patrono na turma de 1967, enviou de Los Angeles uma Saudação aos Bacharéis em que dizia: "[...] Pertencço a um grupo de pessoas que, há mais de trinta anos, vem tentando expulsar o amadorismo do campo da administração pública. A EBAP é um dos resultados desse esforço".

Entre a Sociologia, ciência fática, e a Administração, ciências de integração, perdura uma ligação qualitativa em busca de respostas e de resultados. E tão abrangente se apresenta o fenômeno administrativo, que mesmo profissionais de origem tecnológica ou ligados às ciências naturais acabam por buscar aperfeiçoamento exatamente na área de domínio da Administração, criando designações como "executivo", "gerente", "planejador", "gestor", "gerente de mudança", "diretor", "formulador de políticas", "estrategista".

Nas aulas de sociologia ministradas na EBAP, Guerreiro afirmava que é preciso saber fazer uso sociológico da Sociologia. Nessa missão, a Administração sempre esteve presente.

Referências

AZEVÊDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. 2006. 355f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Epistemológico da Língua Portuguesa*. Porto, Portugal: Editorial Domingos Barreira, [s.d].

RAMOS, Alberto Guerreiro. *O drama de ser dois*. Salvador: [s.n.], 1937.

⁶ A Lei 4.769 manteve o nome de Técnico de Administração para assegurar direitos dos profissionais da área, que eram designados dessa forma. Em 13 de junho de 1986, a Lei n. 7.321 alterou a designação para Administrador.

_____. Literatura Latino-Americana. In: *Cultura política*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 274-276, maio. 1941.

_____. *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho* (ensaio de sociologia do conhecimento). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

_____. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1963.

_____. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

_____. *Administração e estratégia do desenvolvimento*: elementos de uma sociologia especial da administração. Rio de Janeiro: FGV, 1966.

_____. *A nova ciência das organizações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

_____. A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: *A Revolução 30*: seminário internacional. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. p. 527-548.

_____. *Administração e contexto brasileiro*: esboço de uma teoria geral da administração. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

Artigo recebido em 19/06/2009.

Artigo, aprovado, na sua versão final, em 05/01/2010.